

Livro didático: uma análise metalinguística da gramática normativa em anúncios

Patricia Ferreira dos Santos

Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

DOI: 10.47573/aya.5379.2.93.11

RESUMO

No Brasil desde a década de 80 existe a preocupação em melhorar a qualidade do ensino de língua portuguesa, devido ao insucesso escolar no tocante à questão de leitura e escrita. O aumento observado no número de repetências, sobretudo nos anos iniciais em relação a alfabetização está ligada a dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e escrever. Este problema, no entanto, não se restringe apenas ao Ensino Fundamental, está também no meio acadêmico, no que diz respeito a compreensão textual. Este estudo tem como foco apresentar análises de um livro didático do nono ano escolhido no ano de 2016 na cidade de São Bento – Paraíba. Por meio de figuras, trechos de atividades e a visão teórica de alguns autores, evidenciaremos as fragilidades apresentadas no que tange ao ensino de gramática, leitura e produção textual. Em virtude da coleta de dados evidenciada, este artigo configura-se como uma pesquisa bibliográfica e documental e tem o seguinte objetivo geral : Investigar como o livro didático do nono ano do ensino fundamental “ Português e linguagens” apresenta os aspectos de leitura, gramática e produção escrita a partir do gênero textual anúncio. Essa pesquisa contou com o seguinte aporte teórico Antunes (2003); Geraldi (2012), Ferrarezi (2014); Marcushi (2008); Bakhtin (2011); Soares (2001). Ao final desse trabalho foi possível identificar que o livro didático é uma ferramenta relevante no ensino e aprendizagem. Todavia, ele precisa ser entendido como suporte e não como único instrumento de interação, pois sua função é nortear os docentes para a execução de práticas pedagógicas contextualizadas. É necessário haver planejamento antes da sua utilização em sala, visto que constatamos que a obra em questão ainda aborda o texto como pretexto para o ensino de regras e nomenclaturas gramaticais.

Palavras-chave: livro didático. metalinguagem. gêneros textuais.

INTRODUÇÃO

São visíveis as dificuldades que os professores de língua portuguesa ainda enfrentam na atualidade para atingir com eficácia as potencialidades comunicativas dos alunos. Isto porque em sua maioria a instituição escolar não dispõe de ferramentas pedagógicas que possam auxiliar nessa empreitada. A falta de bibliotecas públicas, aparelhos de televisão, computadores e retroprojeto, por vezes inviabilizam um ensino dinâmico e motivador para as aulas de língua portuguesa.

Diante desse cenário, resta aos professores e alunos a única ferramenta proposta pelo governo federal que é o livro didático. Este vem sendo renovado a cada quatro anos e cabe aos docentes e gestores efetuarem a escolha a partir das editoras que ganham a licitação governamental. Todavia, essa escolha, na maioria das vezes, torna-se superficial para os envolvidos, pois não lhes é ofertado tempo para avaliar as obras ou disposição das editoras para apresentá-las em detalhes.

Tal situação tem seu fim nas corridas desenfreadas de editoras buscando agradar os professores para receberem a oferta final do Ministério da educação. E mediante essa situação, nem sempre as obras selecionadas condizem com as fragilidades e potencialidades dos estudantes envolvidos. E a penalidade máxima será uma rotina de árduas atividades de verificação para alunos e professores quando o assunto é a disciplina de língua portuguesa.

Diante do exposto nosso objeto de estudo é o livro didático “Português Linguagens”

(Ensino Fundamental – 9º ano) 9ª edição, lançado no mercado em 2015. Segundo o Guia do PNLD, a diversidade de textos é um dos princípios estruturadores da leitura. Neste volume são apresentados textos literários, jornalísticos e publicitários de autores e fontes diversos escritos em registro formal ou informal. O exemplar apresenta quatro unidades constituídas cada uma de três capítulos, totalizando doze capítulos por volume.

Essas unidades são desenvolvidas a partir de um tema e cada capítulo apresenta um subtema relacionado ao tema da unidade. Oferecem-se orientações para o aluno avaliar o próprio texto e refazê-lo se necessário. Os vários textos a serem escritos não seguem um percurso linear, sendo a abordagem em espiral, com os gêneros sendo apresentados e reapresentados com diferentes graus de profundidade.

Em virtude da coleta de dados evidenciada, este artigo configura-se como uma pesquisa bibliográfica e documental e tem o seguinte objetivo geral: Investigar como o livro didático do nono ano do ensino fundamental “ PORTUGUÊS E LINGUAGENS” apresenta os aspectos de leitura, gramática e produção escrita a partir do gênero textual anúncio.

Para atingirmos esse objetivo geral, enveredamos pelos seguintes objetivos específicos: (I) apresentar uma revisão sobre o ensino de língua materna no ensino fundamental; (II) discorrer sobre a eficácia do livro didático nas práticas pedagógicas escolares; (III); analisar como o livro didático “ Português e Linguagens” traz as atividades referentes ao ensino de gramática, leitura e escrita a partir do gênero textual anúncio.

Este estudo encontra-se dividido em tópicos e subtópicos; na primeira seção temos a introdução já apresentada e o capítulo teórico com um tópicos e dois subtópicos; no segundo momento temos o capítulo de análise, as considerações finais e as referências bibliográficas.

LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

No Brasil desde a década de 80 existe a preocupação em melhorar a qualidade do ensino de língua portuguesa, devido ao insucesso escolar no tocante à questão de leitura e escrita. O aumento observado no número de repetências, sobretudo nos anos iniciais em relação a alfabetização está ligada a dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e escrever. Este problema, no entanto, não se restringe apenas ao Ensino Fundamental, está também no meio acadêmico, no que diz respeito a compreensão textual. De acordo com Geraldi (2012, p. 45),

Parece-me que o mais caótico da atual situação do ensino de língua portuguesa em escolas consiste precisamente no ensino, para alunos que nem dominam a variedade culta, de uma metalinguagem de análise dessa variedade – com exercícios contínuos de descrição gramatical, estudo de regras e hipóteses de análises problemas que mesmo especialistas não estão seguros de resolver.

Geraldi (2012) reflete sobre a fragilidade que o ensino de língua portuguesa apresenta em todas as esferas da educação básica justamente pela redução dessa disciplina ao ensino de regras gramaticais. Quando na verdade, a língua portuguesa é um complexo de diferentes formas e significados, ou seja, é uma língua viva e seus falantes não têm a obrigação de dominar todas as regras que são colocadas ao longo da História. Essa persistência somente contribuir para aumentar a desigualdade social que já existe em nosso país e é refletida no uso da língua.

De acordo com Geraldi (2012, p. 14)

Numa sociedade como a brasileira – que, por sua dinâmica e política divide e individualiza as pessoas, isola-as em grupo e distribui a miséria entre a maioria e concentra os privilégios nas mãos de poucos -, a língua não poderia deixar de ser, entre outras coisas, também expressão dessa mesma situação. [...] no mercado da miséria, alguns reais a mais no salário representarão certamente alguns anos de sobrevida.

Ao refletirmos sobre as palavras de Geraldi (2012), compreendemos quão distantes ainda nos encontramos de uma sociedade justa e igualitária. E quando esses empecilhos pairam sobre os docentes de língua portuguesa, podemos verificar aulas voltada meramente para os exercícios de verificação da aprendizagem sobre o “certo” e “errado”.

Diante de tal cenário, fica perceptível que o ensino de gramática é transmitido aos alunos de maneira resolutiva e fracionada. Segundo Possenti (2008, p. 110. “A função da escola é permitir aos alunos o domínio da língua padrão em especial em sua modalidade escrita[...] Como vemos, essa constatação envereda para ratificarmos a distância que existe entre o ensino gramática ideal e o ensino da língua portuguesa em seu uso .

Ademais, precisamos ressignificar as aulas de língua portuguesa, desmistificando a ideia de que ensinar regras gramaticais como: listas de verbos, concordâncias verbais ou nominais, orações e períodos, é aprender português . Aprender o uso da nossa língua é perceber tudo isso, mas observar seus usos, diminuindo as inadequações e os silêncios dos nossos alunos. Para Ferrarezi (2014, p. 93),

[...] a única disciplina que tem o poder de “desmudifazer” nosso povo é a de língua materna. Não basta que nossos alunos sejam bons calculadores ou conheçam seu corpo ou a química dos elementos ou a história verdadeira desse país: é necessário que deixem de ser mudos!

O autor citado chama nossa atenção para o real objetivo de ensino de língua portuguesa na escola: potencializar a criticidade dos alunos, ajudando-os na comunicação diária. Diante disso, só nos cabe uma certeza; caso não façamos uma reestruturação do ensino em conformidade com a geração atual e ativa, estaremos contribuindo para a passividade de alunos que se tornaram cidadão passivos e silenciosos.

Gêneros textuais na escola; uma prática consolidada

A língua portuguesa como língua materna tem melhor eficácia na vida dos alunos quando as aulas são desenvolvidas por meio da interação e participação. De fato, essa participação é melhor evidenciada a partir de metodologias que usam o texto como suporte para desenvolver as habilidades comunicativas dos educandos. Isto porque durante muito tempo, o texto não era utilizado na sala de aula como ponto de partida, mas como pretexto para o ensino das nomenclaturas gramaticais. De acordo com Marcuschi, (2008, p. 51),

Que o ensino de gramática deva dar-se através de textos é hoje um consenso tanto entre linguistas teóricos como aplicados. Sabiamente, essa é, também, uma prática comum na escola e orientação central dos PCN's. A questão não reside no consenso ou na aceitação deste postulado, mas no modo como isto é posto em prática, já que muitas são as formas de se trabalhar um texto.

Marcuschi (2008) nos traz uma advertência sobre o que pode-se pensar que seja trabalhar com gêneros textuais na sala de aula . Algo que precisa ser ressignificado nas aulas de língua portuguesa, como também nos livros didáticos em geral. Não basta apresentar um texto

e extrair frases soltas para análises gramaticais, ou ainda resolver questões superficiais sobre ele. Para um trabalho contextualizado com os textos é preciso interpretá-lo e motivar os alunos a debater, dialogar sobre a função comunicativa e a temática ali expressa seja de forma oral ou escrita.

Todavia, para que o trabalho com os gêneros textuais seja produtivo e significativo para alunos e professores é necessário que estes passem por formações bimestrais e aqueles compreendam que as aulas de língua portuguesa não se resumem à normas gramaticais. Sem essa ressignificação de ambas as partes a reestruturação será lenta, pois ao longo do tempo, desde as séries iniciais, o texto é entendido como base para outros ensinamentos fragmentados em sua essência.

Na verdade, não abandonar o ensino o ensino que sempre foi base para o ensino de língua portuguesa, mas é ressignificar a prática pedagógica, utilizando o texto como base para a leitura, a gramática, a oralidade e a produção textual. É de fato aprofundar a leitura de um texto e nessa visão introduzir questões de interpretação, de gramática e de mais elementos a serem estudados. Isto porque os gêneros textuais são a base da nossa comunicação e estão em todos os ambientes, inclusive na escola. Segundo Marcuschi (2008, p.154), “os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos [...]”

Diante da contemplação de Marcuschi (2008) fica evidente que não é preciso formular gêneros textuais ideais, hipotéticos ou fictícios na escola, pois os alunos o tempo todo estão utilizando os gêneros a seu favor nas diversas interações; uma conversa com o colega, um diálogo com o professor, um pedido a direção, uma advertência aos pais são exemplos reais de gêneros textuais em prática. A questão agora é usar isso ao nosso favor nas aulas e apresentar outros gêneros que circulam fora da escola e que nos ajudam na vida em sociedade. Para Bakhtin (2011, p. 285):

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação: em suma realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso.

Como vemos, quando o ensino é introduzido a partir do gêneros, os alunos têm uma maior possibilidade de falar e escrever com adequação em muitos setores sociais. A escolha de como falar, quando falar ou o que expor, torna-se mais abrangente e as aulas contemplam com mais eficácia seu papel de aperfeiçoar as competências comunicativas dos estudantes. E isso pode ser evidenciado na leitura dos diversos textos, na escrita formal e nas apresentações de uso real da língua. As frases isoladas em nada contribuem para nosso sucesso comunicativos, pois quando interagimos, o fazemos através de textos, através de gêneros e os mais diversos possíveis.

O uso do livro didático nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental

O livro didático, como ferramenta pedagógica na educação básica, tem sido analisado por estudiosos, graduandos e demais pesquisadores ao longo do tempo. Isto porque ele é visto como um instrumento central de todos os níveis de ensino, inclusive da rede pública brasileira. Tal fato carece ainda de pesquisas por inúmeros fatores dentre eles a forma como os conteúdos

são abordados, a escassez de recursos didáticos que auxilia numa aula dinâmica, o baixo número de formações continuadas, a corrida exacerbada das editoras em busca do capital e a forma sintética como determinados gêneros textuais e normas gramaticais são trabalhados.

Diante de tal cenário é indubitavelmente cabível aqui uma contextualização sobre o surgimento deste dentro da educação. O conceito de “livro didático”, no Brasil, deu-se pela primeira vez em 1938, com o Decreto Lei 1.006, de 30 de dezembro. De acordo com o Art. 2º: “Compêndios são os livros que expõem total ou parcialmente a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares [...] tais livros também são chamados livro de classe, manual, livro didático. (OLIVEIRA, 1980 p. 12 *apud* OLIVEIRA *et al.*, 1984, p. 22).”

Os primeiros livros didáticos de Língua Portuguesa traziam divisões demarcadas, porém observa-se que ao longo do tempo houve uma maior integração entre os eixos e objetos de ensino. Os textos, as propostas de escrita e a gramática se fundem num conjunto de imagens, instruções de atividades e explicações dirigidas aos alunos. Na década de 1940, o ensino de língua portuguesa era pautado na gramática da língua e no estudo de autores consagrados, mais precisamente os literários. Foi na década de 1930 que a questão da formação de professor surgiu. De acordo com Soares (2001, p. 151),

Os professores eram estudiosos, autodidatas da língua e de sua literatura, com sólida formação humanística, que, a par de suas atividades profissionais...e do exercício de cargos públicos que quase sempre detinham, dedicavam-se também ao ensino...O professor da disciplina Português era aquele que conhecia bem a gramática e a literatura da língua, a retórica e a poética, aquele a quem bastava, por isso, que o manual didático lhe fornecesse o texto...cabendo a ele - e a ele só - comentá-lo, discuti-lo, analisá-lo e propor questões e exercícios aos alunos.

Já na década de 1950, a tarefa de formular exercícios e questões fica a cargo do autor do livro didático, de forma que os próprios professores passam a esperar que o autor do livro assumira tal responsabilidade. Neves (2000), ao falar sobre a formação do professor nos cursos de Letras, questiona se no ensino da língua o aluno sabe o que fazer com a linguística, de modo que nos próprios cursos de Letras é possível observar a separação em Linguística e Língua Portuguesa. Supõe-se que é responsabilidade dos cursos de Letras a tarefa de orientar os graduandos a respeito da seleção de conteúdos de linguagem.

Nesse sentido, é função dos cursos de formação preparar os professores para elaborar o material didático a ser utilizado nas aulas, contudo é necessário reconhecer que os manuais didáticos também exercem a função de formar professor, uma vez que contribuem com recursos os quais permitem uma melhora no desempenho da prática docente.

Diante do exposto nosso objeto de estudo é o livro didático “Português Linguagens” (Ensino Fundamental – 9º ano) 9ª edição, lançado no mercado em 2015. Segundo o Guia do PNLD, a diversidade de textos é um dos princípios estruturadores da leitura. No volume contempla um material textual variado. São apresentados textos literários, jornalísticos e publicitários de autores e fontes diversos e de boa qualidade, escritos em registro formal ou informal. Ele apresenta quatro unidades constituídas cada uma de três capítulos, totalizando doze capítulos por volume. Essas unidades são desenvolvidas a partir de um tema e cada capítulo apresenta um subtema relacionado ao tema da unidade. Oferecem-se orientações para o aluno avaliar o próprio texto e refazê-lo se necessário. Os vários textos a serem escritos não seguem um percurso linear, sendo a abordagem em espiral, com os gêneros sendo apresentados e reapresentados com diferentes

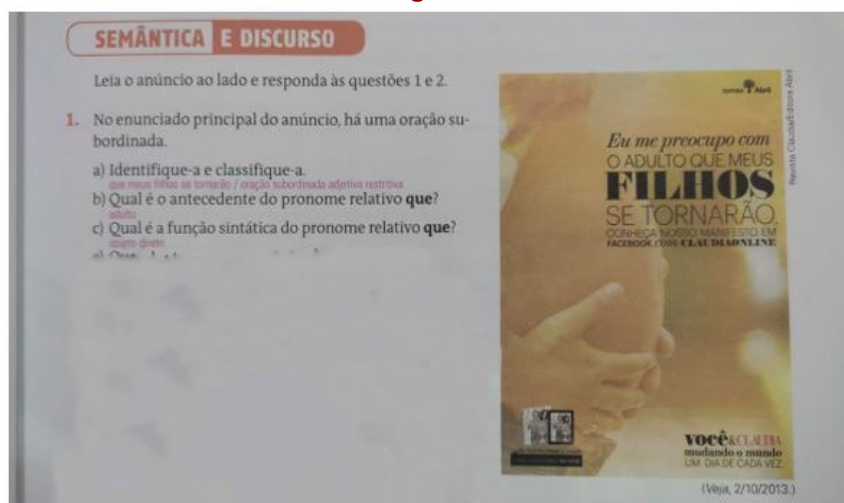
graus de profundidade.

TEORIA E PRÁTICA : ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

É sabido que o ensino de Língua Portuguesa tem uma função social imprescindível em nossa formação, visto que esta é nossa língua materna. Diante de tal contexto é relevante o destaque em relação ao uso do livro didático do ensino fundamental nas aulas de português. Nesse sentido, como viés a ser estudado demanda uma pesquisa investigativa mais profunda, fizemos um recorte do trabalho efetuado com a gramática e a interpretação textual em um livro didático do nono ano do ensino fundamental II.

O exemplar selecionado para análise foi o “Português e Linguagens” (2015) da editora Saraiva e que tem como autores Willian Cereja e Thereza Cochar. A obra em questão foi selecionada pelos professores de Língua Portuguesa do município de São Bento – Paraíba para ser utilizado de 2016 a 2020. Nosso foco é apresentar como os autores abordam trazem os textos verbais e não verbais no gênero textual anúncio e como estes orientam o trabalho de leitura e gramática nas questões colocadas.

Imagem 1



Como podemos observar, os autores demonstram compreender a importância do trabalho com os gêneros textuais e isso é evidenciado no anúncio institucional apresentado. Todavia, anúncio institucional sobre a educação entre as gerações não é tema de debate nas questões e um tema pertinente para o contexto escolar é resumido ao ensino de gramática e este é evidenciado nas questões superficiais reduzidas ao estudo das orações subordinadas adjetivas. Vejamos a transcrição do questionário:

1. No enunciado principal do anúncio, há uma oração subordinada:

- Identifique-a e classifique-a.
- Qual é o antecedente do pronome relativo que?
- Qual é a função sintática do pronome relativo que?
- Cereja e Cochar (2015, p. 37)

Ao analisarmos o enunciado e as alternativas trazidas na questão 1, percebemos que o

autor do livro não ousou debater nem propor uma contextualização dos referentes proposto no anúncio. E nesse sentido o gênero textual teve como exclusiva função ser suporte textual para o trabalho gramatical. Nesse sentido, tal atitude pode não favorecer um ensino contextualizado em sala, pois o docente pode compreender que demanda dele as inferências necessárias para ampliar a atividade, buscando a participação e interação dos alunos.

Outrossim, além de os alunos perderem a oportunidade de desenvolver sua competência comunicativa e seus pontos de vistas sobre a educação de pais e filhos, podem nutrir uma visão de que os textos do livro didático somente são úteis para aprender gramática. E na verdade, os textos possuem uma gama de significados e nos auxiliam na comunicação diária. Nesse sentido, consideramos que para um trabalho mais produtivo, os autores poderiam ter ampliado as questões sobre a função comunicativa do gênero, a linguagem formal ou informal utilizada, a importância do respeito ao próximo e demais questões à cerca da vida em sociedade. Vejamos outro trecho com mais atividades a partir do gênero textual anúncio:

Imagem 2

3. Leia o anúncio ao lado.

No enunciado verbal em destaque no anúncio, há três ocorrências da mesma figura de sintaxe.

a) Qual é ela? *eipse*

b) Levante hipóteses: Que palavras ou expressões foram suprimidas nas frases "No papel, o melhor projeto", "Na obra, o melhor produto" e "Na vida de seu cliente, qualidade e consciência"?

(Arquitetura e Urbanismo, ano 23, nº 175.)

Resposta pessoal. Sugestões: No papel, (fazer) o melhor projeto (com Transsen) ou No papel, (Transsen é) o melhor projeto; Na obra, (use) ou Transsen é o melhor produto; Na vida de seu cliente (Transsen é) ou introduza ou ofereça qualidade e consciência.

No papel, o melhor projeto.
Na obra, o melhor produto.
Na vida de seu cliente, qualidade e consciência.
É a natureza agradece.

É fundamental que a qualidade comece no projeto, se mantém no acabamento e que a energia seja renovável. Aquecedores solares, o melhor do sol, o melhor para o meio ambiente.

TRANSSEN
AQUECEDOR SOLAR
SUSTENTABILIDADE
0800 115 1800

Nessa atividade da página 63 do mesmo exemplar, os autores trazem um anúncio comercial sobre a energia solar e mais uma vez o utiliza como pretexto para o estudo de gramática estreitamente. O assunto abordado agora são as figuras de linguagem e as questões são direcionadas a isso. O esperado era que houvesse uma ou duas questões sobre a interpretação do anúncio, sobre a importância de cuidar do meio ambiente ou sobre quem terá condições de possuir determinado bem, visto que vivemos em um país que prevalece a desigualdade social.

Ao ser enfático na gramática tanto na questão um como na questão dois, os autores promovem um ensino da metalinguagem e direcionam os professores ao trabalho ainda descontextualizado. Ratificamos, que nosso foco não é denigrir a editora ou o trabalho dos autores, mas é apresentar como o livro apresenta as questões relacionadas aos textos trazidos, nesse contexto o anúncio. Nesse quesito, qual a contribuição linguística que os autores oferecem aos pedir que os alunos observem as palavras suprimidas (questão 2). Mais produtivo será pedir a substituição, a construção de outro anúncio com a mesma temática ou ainda enfatizar a produção textual escrita por um viés interacionista. Vejamos outra página e outras questões sobre o mesmo gênero textual:

Imagem 3

SEMÂNTICA E DISCURSO


Leia o anúncio ao lado.

- O enunciado principal do anúncio apresenta dois períodos. Observe-os:
 - "Na vida, você precisa de força para chegar cada vez mais longe."
 - "E de elegância, para chegar lá em grande estilo."

No enunciado I, há uma oração principal e uma subordinada adverbial. Identifique-as e classifique-as.

Oração principal: "Na vida, você precisa de força"; Oração subordinada adverbial final: "para chegar cada vez mais longe".

- Agora, observe o enunciado II.
 - Explícite os termos que estão subentendidos.
Os termos que estão subentendidos são: "Na vida, você precisa"
 - Identifique e classifique a oração adverbial presente na frase. "para chegar lá em grande estilo": oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo
- Todo anúncio visa promover um produto ou uma ideia.
 - Qual é a finalidade do anúncio em estudo?
Promover a venda de um carro.
 - Quem é o anunciante do produto?
A empresa Toyota.



TOYOTA
(Dome, nr 4.)

Na página 65 os autores novamente trazem o anúncio como texto suporte para o ensino de língua portuguesa e evidenciam novamente os aspectos gramaticais do texto. O anúncio comercial ressalta as qualidades e positivities para os consumidores de carro. A imagem é ilustrativa e propaga a ideia de que possuir um carro da Toyota é estar acima do esperado é ter um estilo acima da média. Espera-se, entretanto, que as questões tragam algo relacionado ao contexto social do anúncio, mas em contrapartida a questão 1 já pede aos alunos a classificação das orações subordinadas adverbiais e que ele estabeleça a oração principal do enunciado.

Essa questão ratifica o trabalho já consolidado da obra e como os autores compreendem um ensino a partir de textos, isto é, os autores reconhecem que os textos “anúncios” atraem a atenção do alunado pelas imagens e cores, porém não é necessário um trabalho mais interativo com o gênero, ou seja, mais uma vez o texto foi colocado como pretexto para o ensino de regras e nomenclaturas gramaticais. Uma saída para a não redução do ensino às regras gramaticais, será o professor que manuseia o livro trabalhar a desigualdade social e relacionar esse anúncio ao anterior, levantando o seguinte questionamento? Quem tem condições financeiras de comprar esse carro e colocar energia solar em sua casa? Questões como estas e outras que promovem a reflexão precisam ser evidenciadas em sala e isso ficará cabível ao professor, visto que os autores desse exemplar não elencaram essas reflexões em suas questões.

Ainda sobre esse viés, temos a questão dois e suas alternativas, as quais não diferem das relações já evidenciadas. Mais uma vez são utilizadas sentenças isoladas do texto para análises de orações de orações adverbiais ou palavras que ficaram subentendidas no enunciado. Questões desse tipo são relevantes, é preciso sim ensinar gramática aos alunos e as turmas de nonos anos precisam compreender as regras da língua portuguesa, entretanto usar um anúncio meramente para esse tipo de classificação continua sendo um estudo metalinguagem da língua e este não promove proficiência na leitura e na escrita.

Uma ressalva precisamos fazer nessa atividade, embora que de forma sintética, os autores na questão 3 trazem perguntas relacionadas ao gênero e isso evidencia uma tentativa de mudança. Saber sobre a função comunicativa e quem é o anunciante ajuda na interação é possível promover um debate, porém ainda seria possível complementar com questões sobre o público, os meios de circulação, a linguagem apresentada entre outros pontos que encaminham o professor para um ensino dinâmico e contextualizado da língua portuguesa. Em suma, é possível perceber que esta obra ainda tem muito a ser aperfeiçoada em suas próximas versões, con-

tribuindo para uma ressignificação nas aulas do ensino fundamental II com base no livro didático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, esse trabalho nos possibilitou perceber que o livro didático é uma ferramenta relevante no ensino e aprendizagem formal no contexto escolar. Sua função é nortear os docentes para a execução de práticas pedagógicas contextualizadas. Todavia, observamos neste artigo que muitas são as ressalvas a serem feitas em relação a forma como determinadas questões e gêneros textuais são trabalhados.

Desse modo, é fundamental que o professor, ao planejar suas aulas, avalie esse recurso e veja quais as atividades se adequam ao seu público, personalizando, ressignificando o exemplar selecionado em sua escola, isto é, cabe ao docente fazer as adaptações necessárias em seus trabalhos na sala de aula.

A análise realizada no livro didático “Português Linguagens”, expõe que os conteúdos abordados, principalmente no que diz respeito ao gênero textual anúncio, não é articulado de maneira contextualizada. Observamos que as questões contribuem para um ensino de frases isoladas e o uso da metalinguagem.

Em face do exposto, ratificamos a necessidade de apreciação em detalhes das obras apresentadas nas escolas e que os professores selecionem os livros com tempo e planejamento hábil. É válido ressaltar que o estudo realizado abordou atividades específicas, o que deixa em aberto o tema para futuras pesquisas e um maior aprofundamento na área.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. Gramática contextualizada: “limpando o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola Editorial, 2014

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRASIL, M.E. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação 1997.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T.C. Português linguagens. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

FERRAREZI, J.C. Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014

GERALDII, J. W. *et al.* (org.). O texto na sala de aula. 3. ed. São Paulo: Anglo, 2012.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T.C. Português linguagens. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

FERRAREZI, J.C. Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FREITAG, B. *et al.* O estado da arte do livro didático no Brasil. Brasília: INEP/REDC, 1987

OLIVEIRA, J. B. A. *et al.* A política do livro didático. São Paulo: UNICAMP, 1984.

SOARES, Magda. Que professores de português queremos formar? Revista Movimento, n 3, p 149-15.